

# Os Porões de Solano López

Aureliano Pinto de Moura \*

Resumo: O artigo, extraído de palestra proferida pelo autor no IGHMB, apresenta uma coletânea de depoimentos e registros que relatam as atrocidades praticadas no Paraguai ao longo da Guerra da Tríplice Aliança, que teriam sido patrocinadas ou estimuladas por Solano López.

Palavras-chave: Solano López, Guerra do Paraguai.

**F**rancisco Solano López, Presidente da República do Paraguai durante a Guerra da Tríplice Aliança, é um personagem polêmico da história sul-americana. Considerado, no passado, responsável pela grande tragédia sofrida pelo povo paraguaio, só veio a ter sua memória reabilitada, em seu país, pelos escritos de Juan Emiliano O'Leary em seu livro *El Mariscal Solano López* (1925). O antigo tirano, o Átila do Prata, hoje é considerado o maior herói do povo guarani, *El Mariscal de Acero*.

Ao ser abordada a sua biografia, alguns autores enaltecem os seus feitos e o tratam como um grande líder e chefe militar ou líder do anticapitalismo. Outros criticam-no

e apresentam-no como um tirano, vingativo, que condenou à morte inúmeras personalidades, homens do povo, chefes militares e simples soldados. Tudo em nome da Pátria, apontando-os como traidores.

Paralelamente aos horrores da guerra, havia um submundo na escuridão das masmorras assuncenhas, onde atuavam os *piragues* e os sicários de Solano López. Ali funcionaram os "porões" da República, onde paraguaio e estrangeiros pagaram caro, com a própria vida, por atos muitas vezes não cometidos. Bastava que tivessem caído em desgraça junto a Solano López ou Elisa Lynch.

É impossível aceitar que todas as bárbaries tenham ocorrido sem o seu conhecimento. Não é possível justificar, no intuito de absolvê-lo, que tudo haja ocorrido a sua

\* General-de-Divisão Médico. Sócio titular do IGHMB.

revelia. Ninguém seria capaz de cometer tal imprudência, pois pagaria com a própria vida.

Os escritos de vários autores contemporâneos de Solano López e que tiveram alguma convivência com ele ou com a sociedade paraguaia enumeram as atrocidades cometidas contra paraguaios e estrangeiros residentes no país. Os coronéis George Thompson (inglês), Jorge Federick Masterman (inglês) e Max von Versen (prussiano) deixaram o seu testemunho registrado em seus livros. Outros, como o arquiteto Alonso Taylor (escocês), ou o Sr. H. Charles A. Washburn, responsável pela Legação norte-americana, fizeram-no em seus depoimentos.

As barbáries dos porões de Solano López ficaram registradas nesses livros e depoimentos, assim como em relatórios existentes.

Já em 1863, antes mesmo do início do conflito, quando Solano López ainda se preparava para a guerra, uma grande inquietação surgiu entre estrangeiros residentes no país e alguns paraguaios. Várias pessoas vinham sendo presas por “haver-se expressado com demasiada franqueza, pelo andamento dos acontecimentos”. (F. Masterman)

#### DO RELATO DE FEDERICO MASTERMAN

Jorge Federick Masterman, boticário inglês, chegou a Assunção em 25 de dezembro de 1861, admitido como Coronel Boticário Principal do Exército paraguaio. Trabalhou na indústria para a produção de enxofre e de pólvora. Trabalhou também como “médico”, tendo chegado a dirigir o Hospital Central Militar.

Em seu livro *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*, Masterman afirmou ter “visto em duas ocasiões um grupo de homens da polícia, com baionetas caladas, levando com grande pressa para o cárcere gente bem vestida, que talvez não voltassem a ser vistos nunca mais pelos parentes (...) raras vezes conhecia-se a verdadeira acusação”. As prisões foram sendo feitas em uma contínua e crescente frequência.

Para os recém-chegados ao país, Assunção era uma bela e calma cidade, onde seria possível viver bem. Ignoravam o que ocorria no dia-a-dia a sua volta.

Não é o caso de expor aqui todas as condenações e as conseqüentes mortes ocorridas por determinação de Solano López ou pela iniciativa de seus sicários.

Não é o caso de discorrer, detalhadamente, sobre os brasileiros, nus, atados nos canhões de bronze e açoitados, sob o sol de Corumbá; nem sobre os açoites e degola dos dois filhos do Barão de Villa Maria; ou da crueldade e atroz pilhagem da cidade (F. Masterman). Mas é interessante recordar sobre as orelhas arrancadas dos marinheiros brasileiros e expostas hasteadas nos mastros do navio *Yporá* (mandadas retirar em Assunção), “por ordem suprema” (G. Thompson), ou adornando o pescoço de marinheiros paraguaios, como se fossem colares (J. C. Centurión).

Não será o caso de detalhar, aqui, um relato sobre os onze maquinistas e foguistas ingleses dos navios argentinos *25 de Mayo* e *Gualeguay*, aprisionados em Corrientes e que vieram a morrer de fome nos calabouços assuncenhos, por se negarem a prestar serviços para a Marinha paraguaia.

O Capitão Pedro Ignacio Meza, ferido mortalmente na batalha do Riachuelo, chegou moribundo em Humaitá. López mandou alertá-lo de que seria fuzilado, caso sobrevivesse, acusado de covardia. O Sr. Gibson, maquinista inglês, foi preso e declarado traidor porque teria arriado a bandeira paraguaia para poupar a tripulação, quando seu navio *El Guairá* foi afundado pelo *Belmonte*. Permaneceu três meses a ferros, vindo a falecer.

No decorrer da guerra, com o aumento das deserções, quando não conseguiam “recuperar o criminoso” para julgá-lo e fuzilá-lo, Solano López “estabeleceu um sistema de castigos aos parentes dos desertores, fossem verdadeiros ou supostos”. Foi o que aconteceu com os familiares de dois jovens paraguaios, Jaime Corbolan e um tal González (sobrinho do Ministro da Agricultura). Os dois jovens aproveitaram uma oportunidade e desertaram. Mal chegada a notícia em Assunção, e já a senhora Corbolan encontrava-se em poder da polícia. Teve todos os seus bens confiscados e foi desterrada para o povoado de Caaguazu, juntamente com as suas filhas. Levadas para os confins do Chaco, terras inóspitas, vieram a morrer pouco tempo depois. O velho ministro foi colocado no “cepo uruguaio” e, após permanecer acorrentado por vários meses, foi levado para a linha de frente, para combater como soldado. E o engenheiro polaco Capitão Michkolski foi preso sob acusação de “ter facilitado a deserção”. Foi rebaixado a soldado e mandado para a linha de frente, onde veio a ser morto. (F. Masterman)

Durante uma escaramuça com a vanguarda aliada, próximo a Estero Bellaco, al-

guns militares paraguaios, remanescentes das tropas de Estigarribia, agora fazendo parte da Legião Paraguaia, integrante da tropa argentina, conseguiram atravessar as linhas e apresentarem-se ao Exército a que, de fato, pertenciam. Tentavam retornar à luta, para a defesa de seu país. Solano López não titubeou. Mandou fuzilar todos os oficiais “por não terem retornado antes”. (F. Masterman)

No início de outubro de 1867, os coronéis médicos ingleses John Fox e James Rhind receberam ordens diretas de Paso Pocu para atenderem a D. Juana Pabla Carrillo, mãe de Solano López. Ao se apresentarem no Palácio do Governo, estava aquela senhora de mau humor e recusou-se a recebê-los. Na manhã seguinte, a mesma coisa. Não desejava recebê-los. À tarde, receberam uma nota escrita pelo Coronel Stewart (médico inglês), por ordem de Solano López, para que informassem onde haviam estado no dia anterior e porque haviam se ausentado do seu posto de trabalho, durante a manhã. O Dr. Fox, após discutir com o Major Gómez, da polícia local, sugeriu que o prendessem. O Dr. Rhind, muito doente (estava tuberculoso), desesperado procurou Masterman em busca de auxílio. De nada adiantou. Fox e Rhind foram presos, Masterman foi designado Diretor do Hospital Central Militar, no lugar de Fox, e o Tenente Ortellano passou a ser responsável pelos hospitais de Estanco e San Francisco. Segundo Masterman, Ortellano “sabia tanto de cirurgia como o homem da lua”. Os dois ingleses permaneceram presos por três meses, tendo sido libertados em péssimas condições de saú-

de. Rhind nunca mais voltou a ser o mesmo até a sua morte, um ano depois.

Na manhã de 22 de outubro, o Sr. Lament Cochelet, cônsul francês, levou ao Coronel Masterman algumas cartas que lhe haviam sido entregues, vindas do exterior, através de Paso Pocú. Duas eram para o próprio Masterman, as demais eram destinadas ao Dr. Rhind. Por ter-se recusado a entregar as cartas ao chefe da prisão (*el colégio*) onde se encontrava Rhind, recebeu voz de prisão. Interrogado, foi ameaçado e forçado a assinar uma confissão. De sua cela lhe foi possível ouvir, por dias a fio, os gritos de agonia dos prisioneiros torturados e observar os martírios de homens e mulheres acorrentados. Todos os presos (homens e mulheres) eram postos a ferros, com até três grilhões.

A prisão de Masterman deveu-se à acusação de ter envenenado o Sr. M. Atherton e não às cartas recebidas. Ao sair da prisão, após onze meses, Masterman estava enfermo e com a visão prejudicada. Deveu sua liberdade ao Sr. Whashburn.

Masterman dedicou o Capítulo XIII do seu livro, *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*, ao relato desse período da sua vida. Em certos momentos, recebeu algumas regalias, como ler uns livros ou mesmo beber um ou outro copo de vinho.

Muitos foram os presos políticos, nacionais ou estrangeiros residentes. Dentre esses, o Capitão De Villa, argentino, forte comerciante de Assunção, que se julgava protegido graças aos seus conhecimentos com a elite paraguaia. Isso de nada adiantou. Foi aprisionado e mandado para Humaitá, enquanto a sua esposa procurava

subornar a senhora Eliza Lynch, o que lhe rendeu a liberdade. Emocionado e compadecido pela situação dos seus companheiros de calabouço, enviou algumas roupas e um pouco de comida para os desgraçados. Essa atitude foi considerada uma afronta a Solano López, o que o levou acorrentado de volta ao *colégio* (calabouço). Foi avisado por outros prisioneiros com dupla vara de grilhões, tendo a sua cama recolhida, restando-lhe a terra como leito. Passado algum tempo, foi-lhe acrescentado mais um grilhão. Chegou a um ponto que, para se deslocar, só era possível andar de quatro, arrastando o peso dos ferros. Apesar de todos os horrores e sofrimentos, conseguiu sobreviver ainda por vários meses.

Outra vítima do arbítrio foi o argentino Acurva, homem idoso (72 anos), por muitos anos diretor do Correio de Assunção. Pessoa muito estimada pela sociedade assuncenha, era casado com uma paraguaia, filha do ex-cônsul brasileiro. Sem motivo aparente, atraiu o ódio das autoridades, sendo encarcerado juntamente com a sua esposa. Foram soltos sete meses depois, já moribundos, falecendo pouco tempo após terem sido libertados.

As crueldades não pararam por aí. Masterman descreveu em seu livro algumas das cenas por ele presenciadas. Relatou que, quando via “homens bem vestidos, seguidos de um grupo de selvagens policiais e sabendo do que se tratava, tapava os ouvidos com os seus dedos ou metia a cabeça em baixo da roupa de cama, para não ouvir os terríveis gritos e gemidos de agonia que à tarde ou pela manhã revelavam as crueldades infernais dos verdugos”.

“Em uma tarde, um pobre indivíduo foi estaqueado e crucificado horizontalmente sob a janela. Nunca esquecerei o que sofri àquele dia imaginando seus espantosos sofrimentos, ao escutar-lhe gemer algumas vezes, a urrar outras freneticamente ou pedir piedade aos verdugos,” escreveu F. Masterman em seu livro.

Após permanecer preso por onze meses, quase sem sair do calabouço, Masterman vislumbrava, ao seu redor, uma atmosfera pútrida onde muitos presos morriam também de cólera. Foi solto em 22 de setembro de 1867, graças ao empenho do Sr. H. Charles A. Washburn, Ministro dos Estados Unidos junto ao governo paraguaio. Além desse empenho, Washburn ofereceu-lhe um emprego, como “médico”, na Legação norte-americana.

Em Humaitá, Solano López mantinha uma jaula contendo duas enormes onças, alimentadas com cães vira-latas. Em certa ocasião, acusados de espionagem, três brasileiros foram presos e atirados nessa jaula, onde tiveram um fim terrível.

Em 21 de março de 1868, com Humaitá praticamente cercada, Solano López resolveu retirar-se, com o grosso de suas tropas, através do Chaco. Antes de partir, mandou eliminar, à arma branca, cerca de dois mil prisioneiros. Procurava evitar um possível transtorno em sua retirada para San Fernando. Ordenou o uso de arma branca para não chamar a atenção do inimigo. (F. Masterman).

No mês de julho, diante da realidade na linha de frente, o Coronel Paulino Alén, comandante de Humaitá, deu conhecimento a Solano López da situação insustentável em

que se encontrava, cercado pelos aliados, com carência absoluta de víveres e inúmeros feridos e doentes. Diante do exposto, solicitou permissão para evacuar a fortaleza, rompendo a linha de sítio, ao norte de Humaitá. Buscaria, em seguida, reunir-se ao grosso do exército em Tebicuari, através de Pilar.

Mesmo sem ter sido autorizado, o Coronel Paulino Alén retirou-se da fortaleza com os seus melhores homens. Permaneceram em Humaitá os feridos, os debilitados, as mulheres e as crianças, sob o comando do Coronel Francisco Martínez. Tão logo Solano López soube do fato, determinou ao Coronel Martínez que, sem perda de tempo, passasse com suas tropas para o Chaco e seguisse para Timbó.

Ao chegar em San Fernando, o Coronel Alén foi considerado traidor, por ter abandonado a fortaleza. Foi encarcerado e executado após tentar suicídio (E. Cardozo). Todos os oficiais que acompanharam o Coronel Alén em sua retirada passaram a ser tratados como criminosos.

Martínez, sem mais condições de prosseguir no combate, rendeu-se aos brasileiros. Em 24 de julho, Humaitá já estava totalmente evacuada e ocupada pelos aliados. Seu subordinado Coronel Hermosa, que havia deixado Humaitá, apresentou-se, em 27 de julho, a Solano López acusando Martínez de “se fazer de surdo” diante das ordens para acelerar a evacuação de Humaitá e seguir para Timbó. Tal fato enfureceu Solano López, que o considerou traidor. Como nada podia fazer contra ele, mandou fuzilar a sua esposa e a sua mãe “pela sua deserção”.

No dia 1º de julho, 118 presos foram embarcados nos navios *Yberá* e *Pirabebé*, com destino a San Fernando, a maioria estrangeiros. Em 7 de agosto, seguiram pelo *Amanbay* mais 22 estrangeiros, alguns acompanhados de suas mulheres. (E. Cardozo)

No início de 1868, vários estrangeiros residentes em Assunção procuraram asilo na Legação norte-americana. Dentre estes estava o Coronel Frederick Masterman, o Major Manlove (norte-americano) o Sr. José Maria Leite Pereira (cônsul português), o Coronel Porter Frederick Bliss (médico norte-americano), o Dr. Antônio Carreras (diplomata uruguaio) e outros.

O Sr. José Maria Leite Pereira chegou repentinamente à legação, no início de junho. Estava acompanhado de sua esposa, paraguaia. A sua credencial de cônsul havia sido caçada e teve receio de ficar desprotegido, diante das arbitrariedades dos governantes. No dia 12, julgou melhor sair, para não comprometer Washburn. Mal colocou os pés na rua, Leite Pereira e sua esposa foram presos e acorrentados, sendo mais tarde levados para San Fernando, como outros tantos prisioneiros.

No dia seguinte, as autoridades policiais passaram a exigir que a Legação norte-americana entregasse o Dr. Bliss e o Dr. Masterman por haverem “cometido outros crimes igualmente graves”.

Certa noite, a Legação norte-americana recebeu a visita de pessoa credenciada pelo governo paraguaio, com a exigência de que fossem entregues os “papéis de Berges” e comunicar que “tudo havia sido descoberto”. Portanto, não havia mais o que escon-

der. Ele, Washburn, deveria “confessar tudo”. A própria Sra. Elisa Lynch, segundo Masterman, aconselhou Washburn a confessar a culpa, pois, segundo afirmara o Sr. José Berges, “os papéis haviam sido depositados em seu poder”.

Washburn solicitou às autoridades paraguaias os passaportes das pessoas internadas em sua legação, para que pudessem sair do país. A resposta foi que Masterman e Bliss deveriam permanecer no país para serem julgados. Diante da situação insustentável, Washburn, alguns cônsules, os coronéis Masterman e Bliss, e mais algumas pessoas procuraram sair sorrateiramente da Legação. Procuraram chegar até a canhoneira *Wasp*, surta no porto. Nesse momento o cerco foi fechado e todos foram aprisionados. Washburn e os cônsules ficaram separados. Os demais foram para o quartel de polícia. Foi o início da saga de Jorge Frederick Masterman, descrita em seu *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*. A Legação norte-americana ficou totalmente bloqueada a partir daquele momento.

Dias depois, apesar de diplomata, o Sr. Washburn foi preso, agrilhado, torturado e teve suas declarações registradas por um escrivão. Washburn foi acusado de conspiração contra Solano López, procurando levá-lo à rendição. “Acusam-no de haver recebido uma grande soma em dinheiro de Benigno López (...) para distribuí-la entre os demais conspiradores.” Acusavam-no de possuir documentação comprometedora a respeito de vários dos “envolvidos na conspiração”.

Logo ao chegar no quartel, Masterman foi levado à presença do Chefe de Polícia,

por quem foi tratado de maneira grosseira. Foi mandado despir-se, sendo revistado rigorosamente e levado para o calabouço. À noite, foram retirados os seus grilhões e substituídos por uma barra de ferro presa nos tornozelos.

Presos pouco tempo depois, Masterman, Bliss e Baltasar (criado da Legação norte-americana) foram levados sobre mulas até Villeta, com grande sofrimento para os prisioneiros, por terem que agüentar o transporte portando as barras de ferro. Durante o trajeto esses homens puderam ver o *Wasp* que partia rio abaixo, com Washburn a bordo.

Na manhã seguinte, foram acordados a pauladas e mandados caminhar até um laranjal. Andavam com dificuldade, devido à barra de ferro presa como grilhões. No trajeto, várias pauladas foram distribuídas para estimular a marcha.

Chegando ao destino, Masterman foi levado para interrogatório, onde pesava a acusação de conspiração. Durante todo o tempo negou veementemente, o que fez com que fosse colocado no “cepo uruguaio”. Após longa permanência nesse suplício, foi levado a novo interrogatório. Como continuasse a negar a acusação, foi espancado barbaramente e levado outra vez para o cepo. Não agüentando mais o suplício, resolveu se “confessar” culpado. Soube então que Bliss, pressionado pelos algozes, já havia se declarado culpado, sem o ser.

Ao “confessarem” a culpa, os prisioneiros esperavam contar com a “magnânima decisão” de Solano López, perdoando-os ou aliviando-lhes a pena. Foram induzidos pelas “sugestões” de seus algozes. Assim

ocorreu com Masterman que, após um violento interrogatório e a ameaça de voltar ao cepo, acabou aceitando o “conselho” de um de seus inquisidores, que chegou a sugerir os termos do documento. Após a assinatura, Mastermann voltou para a prisão, onde teve os pés agrilhoados.

O criado Baltasar foi cruelmente torturado, de nada adiantando os seus gritos pedindo piedade. Açoitaram-no violentamente e esmagaram seus dedos a marteladas. Nada pode fazer o humilde servidor, pois de nada sabia.

Masterman, ao fazer a sua “confissão”, procurou relatar a história já contada por Antônio Carreras, José Berges, Benigno López e outros acusados. Washburn havia lido para Masterman as declarações dos envolvidos e orientado o seu depoimento.

Washburn saiu do país a salvo. Mas outros não tiveram a mesma sorte. Alguns foram fuzilados, outros vieram a morrer pelos maus tratos ou doenças. Dentre esses estavam Vicente Barrios e Gumercindo de Bendoya.

Em 30 de março de 1869, Whasburn, perante o Congresso dos Estados Unidos fez um relato sobre os acontecimentos conseqüentes à reação violenta de Solano López diante de uma duvidosa conspiração.

Ao acordarem, no dia seguinte, os presos estavam todos molhados pelas águas da chuva que haviam inundado as choupanas durante a noite. Os presos foram acordados a pauladas e tiveram seus grilhões retirados.

Próximo ao local onde se encontrava Masterman, existiam cerca de outros quarenta prisioneiros. Um pouco mais distante,

um outro grupo onde estavam Venâncio López, o Capitão Fidanza, Alonso Taylor e Antônio Carreras, esse com os dedos mutilados, em estado lastimável. Baltasar estava deitado de bruços e assim permaneceu até morrer de inanição, pois não aceitou mais comer.

No centro do acampamento podiam ser vistos oito sacerdotes postos a ferros. Mais ao longe, alguns prisioneiros de guerra, seminus, cobertos de feridas, debilitados, porém sem estarem a ferros. Próximo, alguns malfeitores, todos nus e presos por um único anel de ferro, no tornozelo direito. Estes últimos eram usados para os serviços de faxina, carregamento de lenha e outros trabalhos. A cada passo recebiam pauladas e pontapés.

A comida era servida em cochos de madeira usados para porcos, sendo disputada desesperadamente por todos. A água era escassa e negada com freqüência para os prisioneiros políticos, mas não para os criminosos e prisioneiros de guerra. (F. Masterman)

Após novo interrogatório, Masterman foi levado para outra choupana, onde já estavam os majores paraguaios Tecilevalle e Aveiro. Após insistência, Masterman foi convencido a assinar uma carta onde confessava, de livre vontade, ser culpado do crime de conspiração. No dia seguinte recebeu grilhões mais leves, melhorando a comida e o tratamento.

Em determinada data, os prisioneiros reiniciaram a marcha. Foi “uma triste proclamação daquelas centenas de prisioneiros (...) os enfermos e retardatários eram espancados sem compaixão”. Dentre os prisioneiros

seguia Benigno López, bem vestido mas a ferros; José Berges em estado lastimável; D. Gumercindo Benitez, sucessor de Berges no Ministério, seguia apoiado em um bordão, descalço e arrastando os grilhões; mais atrás dois velhos seminus, um com grilhões tão pesados que não conseguia andar, a não ser de quatro. Deslocavam-se para o leste, escoltados por soldados armados de baionetas ou sabres que serviam para “estimular” os caminhantes retardatários. Em determinado momento, os dois velhos já não conseguiam andar. Foram espancados terrivelmente.

A marcha ia se tornando cada vez mais difícil pelo cansaço, pela terra arenosa e pelas colinas a serem vencidas. As sendas estreitas faziam com que os grilhões se enroscassem na vegetação, dificultando a andadura. Ao longe se ouvia a artilharia brasileira.

O avanço aliado forçara a retirada dos prisioneiros da proximidade da linha de frente. Masterman tinha certeza de que se os aliados chegassem mais próximo os prisioneiros seriam todos eliminados. Solano López com freqüência mandava levar os prisioneiros próximo às avançadas “e logo manifestar o seu profundo pesar porque um movimento inesperado dos aliados lhe havia obrigado a mandá-los fuzilar para não caírem nas mãos do inimigo”. (F. Masterman)

Eram cerca de seiscentos prisioneiros que seguiam nessa trágica marcha. Eram velhos, homens, mulheres e crianças sofrendo aquela barbárie. Na retaguarda, seguiam alguns retardatários, e de lá vinham gritos e gemidos, fruto dos rebenques, lanças, sabres, baionetas e paus utilizados para acelerar a marcha. Era rotina que os que vies-

sem a cair de inanição fossem “libertados” pelas lanças e baionetas.

Certo dia, Masterman teve a oportunidade de ver a Sra. Elisa Lynch ultrapassar a coluna de marcha, toda risonha, em sua caruagem. Essa senhora costumava, em qualquer oportunidade, falar da “conspiração e injuriar o Sr. Washburn e seus amigos na presença de López, procurando indispor-lo contra o diplomata”. (F. Masterman)

Ao chegar em um desfiladeiro a cena descrita por Masterman é chocante. Trapos humanos, famintos e sedentos, jogavam-se em qualquer lugar, vencidos pelo cansaço. A seu lado jogou-se um velho, bem vestido. Um estrangeiro, assim parecia. No mesmo momento, dois cabos paraguaios agarraram-no, desnudaram-no e espancaram-no, sem piedade. Ao levantar-se com os seus grilhões para tentar safar-se do martírio, não resistiu e caiu. Repetiu-se o espancamento, reforçado pelo sabre de um oficial que também usou o salto de sua bota para atingir a cabeça do desgraçado.

A marcha continuou até chegar no Piquisiri, estacionando em um *estero* seco. Para agravar o martírio, os prisioneiros foram vítimas de fortes ventos e chuvas torrenciais.

Em 23 de setembro de 1868, pela manhã, Masterman assistiu levarem Benigno López para “interrogatório”. Retornou no início da tarde, arrastando-se até a choupana que lhe servia de abrigo. Em seguida, chegaram três soldados com seus fuzis e levaram Benigno, outra vez, para trás de umas moitas, colocando-o no “cepo uruguaio”. Após algum tempo retornou, totalmente desfigurado.

Em 27, foi a vez de Antônio Carreras e Gumercindo Benitez. Ambos levados para trás das já citadas moitas, onde “foram barbaramente espancados” e, por fim, mortos. No dia seguinte foram executados quarenta oficiais paraguaios.

Certa ocasião, Masterman avistou José Berges, ajoelhado, de mãos postas, diante do Major Caminos, implorando piedade. O martírio parecia não ter fim.

Próximo à choupana onde estava abrigado Masterman, encontravam-se as duas irmãs de Solano López – D. Inocência Barrios e D. Rafaela de Bendoya, ambas já viúvas do General Vicente Barrios e do Ministro Saturnino de Bendoya. Encontravam-se presas em uma carreta de 2,10m de comprimento por 1,20m de largura e 1,50m de altura. Aí permaneceram até Cerro Corá.

Em dezembro de 1868, Solano López determinou que sua mãe, D. Juana Pabla Carrillo, deixasse a sua casa em Trindade (Assunção), onde se encontrava prisioneira havia dois anos. Deveria ser levada para Luque. Aí chegando, tentou obrigá-la a reconhecê-lo como seu único filho e “maldizer Benigno e Venâncio”. Como ela recusasse, foi ameaçada de morte por um oficial que, com muito esforço, conseguiu finalmente o seu intento. Durante o seu interrogatório, D. Juana Pabla Carrillo negou o seu envolvimento em qualquer conspiração contra o seu filho Solano López. Negou de forma categórica, apesar de ter sido castigada pela espada do Coronel Silvestre Aveiros.

Na proporção em que López seguia na retirada, ia descarregando sobre os seus conterrâneos o “punho forte da justiça”. Se

é que como isso “pode-se entender os justiciamentos havidos”. (F. Masterman)

Em Capiivary foram executados 69 soldados e o Alferes Aquino, acusados de conspiração, e na vila de Curuguaty foi lançada a Sra. Pancha Garmendia.

Presumidos conspiradores, traidores ou desertores eram fuzilados ou lanceados, sem a menor piedade ou o “amplo direito de defesa”.

Ao chegar Solano López a San Estanislao surgiu nova denúncia de conspiração. Estariam implicados na confabulação os seus irmãos e irmãs, a sua mãe, o Coronel Hilário Marcó (herói de Tuiuti) e vários oficiais de sua guarda pessoal. Marcó, até então um dos verdugos integrantes dos tribunais sumários, apareceu lacerado pelos açoites e com as feridas cobertas de moscas.

Atuaram como juízes, no julgamento dos novos acusados, o presbítero Fidel Maiz e Justo Román, tendo como fiscais o General Isidoro Resquin, Manuel Palácios e Silvestre Aveiros.

#### DA CARTA DO SR. WASHBURN

Chegando em Buenos Aires, após deixar o seu cargo junto ao Governo paraguaio, em setembro de 1868, o Sr. Washburn, Ministro dos Estados Unidos, escreveu uma longa carta ao Sr. Stuart, Ministro britânico junto ao Governo argentino. O extrato dessa carta está publicado no livro *Guerra do Paraguai*, de George Thompson. Assim expressou-se o Sr. Washburn: “Lamento informar a Vossa Excelência que, quando deixei o Paraguai, a 12 do corrente, quase todos os estrangeiros naquele país, inclusive vários compa-

triotas de Vossa Excelência, se encontravam na prisão.”

Após relatar a situação dos estrangeiros refugiados na Legação norte-americana, discorreu sobre as exigências do Governo paraguaio para que eles deixassem o local. Diante da pressão, vários deles abandonaram a Legação, sendo presos imediatamente. Colocados a ferros, foram entregues à polícia e levados para a estação ferroviária. Após serem reunidos com os prisioneiros trazidos de Luque, seguiram para San Fernando, exceto o Sr. Watts, que foi fuzilado ali mesmo na estação ferroviária, sem a menor explicação.

No dizer de Washburn, ninguém sabia “a razão de tudo aquilo”, ninguém fazia a menor idéia do que estava acontecendo. Mais tarde soube-se que o governo “suspeitou, ou fingiu suspeitar de uma conspiração, alegando que o ex-Ministro Berges era um traidor em conluio com o inimigo”.

Em sua carta, o Sr. Washburn confirma que “López nunca se expôs a qualquer perigo pessoal; jamais, em nenhuma ocasião, se arriscou em qualquer batalha; e quando se encontrava em Paso Pocú, tinha uma imensa caverna, ou melhor, uma casa com muralhas e cobertura de terra de mais de vinte pés de espessura, da qual, por semanas a fio, não se aventurou a sair uma vez sequer”. Em outra oportunidade “uma granada caiu à distância de meia milha ou mais de Sua Excelência. Instantaneamente, o bravo López voltou-se a correr, como ovelha assustada, com seus assistentes atrás dele”.

O Major Manlove, ao sair da Legação norte-americana, onde estava asilado, para dar água às vacas, foi preso. Washburn

libertou-o, à força. No dia seguinte, porém, Manlove se desentendeu com Washburn e deixou a Legação. Foi preso novamente e levado para Villeta. Manlove era um oficial confederado, exímio atirador, tendo servido nas tropas argentinas. Passou-se para o Paraguai, solicitando carta de curso para realizar ações contra os portos e navios brasileiros. Por julgá-lo um espião aliado, Solano López mandou fuzilá-lo.

Em seu depoimento, o Sr. Wahsburn fez referência a um livro capturado em Lomas Valentinas, em 28 de dezembro de 1868, contendo os registros das execuções diárias, cuja lista dos executados disse estar em suas mãos. Entre estrangeiros e paraguaios executados, “falecidos na prisão ou na estrada” de San Fernando e Piquissiri, até dezembro daquele ano haviam sido registradas 596 vítimas da barbárie. “As pessoas que não queriam confessar eram postas em tortura [cepo uruguaio] (...). Os prisioneiros eram também espancados, muitos até morrer, com lanças e paus, e alguns tiveram as mãos esmagadas a golpes de malho.”

Ainda em sua carta o ministro norte-americano referiu-se aos horríveis espancamentos sofridos pelas duas irmãs de Solano López, “por razões quase desconhecidas”.

#### DO DEPOIMENTO DE J. F. GOULD

Em agosto de 1867, o Sr. J. F. Gould, secretário da Legação britânica em Buenos Aires, foi mandado a Assunção para tratar da situação dos súditos britânicos residentes no país, onde viviam como verdadeiros prisioneiros. Sua missão não foi coroada de êxito. Conseguiu apenas libertar três senho-

ras e cinco crianças (F. Masterman), retornando para Buenos Aires, apesar de existirem mais de oitenta britânicos residentes no país. Os governantes paraguaios procuraram sempre dissimular a realidade angustiante em que viviam os súditos britânicos. Gould nem sequer conseguiu conversar com os seus conterrâneos, pois todos tinham receio de demonstrar o desejo de sair do país.

O engenheiro Henry Valpy, por ter acabado o seu contrato, pois a construção da ferrovia fora paralisada, demonstrou desejo de retornar a sua terra natal. Foi chamado, incorporado ao Exército como coronel e mandado para a linha de frente.

O Sr. Gould deixou relatos do que presenciou no Paraguai, que foram mais tarde publicados por determinação do Ministério de Relações Exteriores do seu país.

Em 18 de agosto, ao ser recebido por Solano López, foi-lhe dito não ser possível atendê-lo, pois “de nenhuma maneira poderia passar sem os serviços dos súditos britânicos residentes no Paraguai, que eram todos empregados seus e estavam obrigados por contratos”. Alegou ter se recusado a atender “petição urgente e reservada que o Sr. Washburn, ministro dos Estados Unidos (...) havia-lhe dirigido em favor de um cidadão americano”. Tratava-se do Major Manlove.

A decisão do governo paraguaio era de que “não se daria licença a nenhum estrangeiro para sair do país”. Ficaram, praticamente, como verdadeiros prisioneiros. Solano López queixou-se da pouca simpatia do Governo britânico para com o Paraguai e acusou-o de “violação das leis da neutralidade em relação à guerra”.

Em seus relatos, o Sr. Gould deixou claro que o tratamento dado aos britânicos não era muito diferente do concedido aos demais estrangeiros residentes no país e aos próprios cidadãos paraguaios. Em relação a estes, “não os tem nenhuma consideração e os ocupa da maneira que lhe aprouver, sem que eles se atrevam a manifestar seu desagrado”. A menor imprudência, por parte do cidadão, poderia acarretar-lhe “as mais graves e penosas conseqüências”. (F. Masterman)

O desejo do Dr. John Fox de retornar à Inglaterra foi registrado pelo Sr. Gould. Não possuía mais contratos com o Governo paraguaio, e a sua saúde estava seriamente abalada. Apesar da insistência do Sr. Gould junto ao governo paraguaio, nada foi conseguido.

Solano López julgava-se com o direito de tratar ou usar os estrangeiros como bem lhe aprouvesse. Não tinha muita consideração com residentes no país. Costumava encarcerar os empregados do arsenal pela mais insignificante falta e mandá-los para bordo dos navios, onde sofriam trabalho forçado e ficavam expostos ao fogo inimigo. Eram, em sua maioria, ingleses.

#### DO RELATO DE ARTURO BRAY

O Coronel Arturo Bray, médico paraguaio, lutou na Primeira Guerra Mundial como tenente de Infantaria do Exército britânico. Na Guerra do Chaco, destacou-se como comandante de batalhão. É um dos principais biógrafos de Solano López. Escreveu *Solano López – Soldado de la Gloria y del Infortunio*, onde relata a sua vida com isenção.

Por “não ter percebido a conspiração”, o Coronel José Vicente Mongelós, comandante da guarda pessoal de Solano López, foi condenado ao fuzilamento, apesar dos insistentes apelos de Elisa Lynch em favor do oficial. “Sei, Mongelós, que você é pessoalmente inocente da conspiração, mas tão pouco nada sabia sobre ela, e, por isso, vou mandá-lo fuzilar; é delito muito grave ignorar o que ocorre no próprio lar”, teria dito Solano López a seu subordinado, ao condená-lo. Junto com Mongelós foram executados 17 oficiais e 86 soldados. Entre eles, o Major Riveros, herói do Sauce.

As execuções foram tendo continuidade – agora, em Igatini e Panadero, onde as sentenças de morte passaram a ser cumpridas tendo a lança como instrumento de execução. Procuravam economizar munição. Esse tipo de execução, por vezes, transformava-se em verdadeiro suplício, pois os soldados já exauridos, sem forças, precisavam lancear várias vezes para executar a sentença. Diz-se que chegavam a dar sete lanceadas até cumprir a missão.

De todos os condenados, ninguém mais que Venâncio López sofreu nas mãos dos carrascos. Foi açoitado diariamente durante toda aquela triste e prolongada marcha. Seu corpo ficou coberto de ferimentos repugnantes, pelo sangue e pelo pus que vertiam. Sujo, barbudo e debilitado, era arrastado por uma corda amarrada em sua cintura. As “horríveis torturas e inumanas crueldades que se fez” padecer o Coronel Venâncio López não se justificam jamais, por mais graves que pudessem ter sido os delitos por ele cometidos. O martírio sofrido por Venâncio López atingiu os limi-

tes da crueldade, da brutalidade, do sadismo. Na picada do Chirigüelo faleceu, suplicando por um gole de água. Teria bastado o fuzilamento.

Isidoro Resquin, Silvestre Aveiros, Manuel Palácios e Matias Goiburu, juízes dos tribunais de Solano López, ao término da guerra, já prisioneiros, passaram a renegar Solano López. Procuravam culpá-lo por todas as tristes ocorrências. Esses depoimentos de pós-guerra chegaram a ser constrangedores. Silvestre Aveiros chegou ao cúmulo de escrever uma carta ao Conde D'Eu, onde afirmou deplorar todas as verdades e que não restava mais nada “senão a esperança da bondade e clemência”.

“A realidade é que a barbárie não podia ser ignorada por Solano López (...) por essa época, parece haver perdido o domínio de si mesmo.”

#### DO DEPOIMENTO DE ALONSO TAYLOR

Alonso Taylor, construtor e arquiteto, nascido em Chelsea (Escócia) em novembro de 1858, foi contratado para trabalhar no Paraguai por três anos, contrato depois ampliado para quatro anos.

Trabalhou, juntamente com Masterman, na construção das instalações para a produção de enxofre, visando à produção de pólvora, da mesma forma como na da fábrica de moldes para a fundição, destinados ao Arsenal de Assunção. Trabalhou na construção das estações ferroviárias e do palácio de López.

Diante da perspectiva de guerra, procurou retirar a sua família do território paraguaio. Além de não permitir-lhe a saída da família, o Governo paraguaio recusou-se a

renovar seu contrato. Obrigou-o, no entanto, a continuar trabalhando.

O sofrimento de Taylor teve início numa noite em que foi chamado à Assunção. Taylor residia em Luque. Embora fosse bem tarde, na mesma hora seguiu para a capital em seu cavalo, acompanhando o soldado que lhe trouxera a ordem. Foi levado diretamente para o cais do porto, sem maiores explicações. Indiferentes aos seus protestos, prenderam-no com grilhões e colocaram-no junto com outros prisioneiros. Pela manhã, embarcados no *Salto de Guayrá*, sob as vistas de Elisa Lynch e de seu filho Francisco, foram levados para Tebicuarí, onde ficava o quartel-general de Solano López naquele momento.

Mal desembarcaram, encetaram uma longa marcha (cerca de seis milhas) até um acampamento, onde tiveram início os interrogatórios e suplícios. Eram ao todo quinze presos, dos quais apenas um paraguaio. Todos carregavam um ou dois grilhões (23 libras cada um). O primeiro a ser castigado foi o ancião Sortera, já enfermo e “meio louco”. Foi golpeado sem dó.

Taylor contou que “via torturar diariamente a muitos homens, no cepo uruguaio”. Viu matarem homens e mulheres à baioneta, além de os açoitarem da maneira mais bárbara. Todos os castigados eram acusados de traição e conspiração, “apesar de serem completamente inocentes”. Sortera faleceu logo após a chegada em Villeta.

Em San Fernando, Taylor assistiu o Sr. Stark, ancião inglês, ser açoitado e tratado com a maior crueldade. Stark, residente há anos em Assunção, era conhecido e bem quisto na sociedade assuncenha. Acabou fuzilado, juntamente com outros prisioneiros.

O inglês John Watts, maquinista de uma canhoneira, e o Major Manlove, norte-americano, tiveram o mesmo fim. O fuzilamento de Watts foi na própria estação de Assunção. Já o Sr. Neumman faleceu durante uma sessão de tortura. Seus gritos foram ouvidos por todo o campo de prisioneiros.

Em seu depoimento, Taylor descreveu a situação, que não fugia das já descritas por outros depoentes. Muitos prisioneiros nem sequer sabiam os verdadeiros motivos de suas prisões. Taylor só veio a saber que acusação o levava à prisão após a sua libertação.

Em cada *curral* eram colocadas cerca de cinqüenta pessoas. Umas amarradas às outras, pelo “cepo de laço”. A vigilância era cerrada e as sentinelas atentas distribuíam pontapés e pancadas a bel-prazer. Tinham ordem para fuzilar, lancear ou golpear com baioneta a quem tentasse fugir.

Certo dia, Taylor observou a chegada de um prisioneiro, oficial argentino, com o corpo todo arreventado por pancadas. No dia seguinte, no momento em que Taylor examinava suas costas, ele riscou no chão o número 100 – número dos açoites recebidos. Na mesma tarde voltou a ser castigado. No retorno, riscou o número 200. Acabou sendo fuzilado.

Taylor explicou que a sua prisão deveu-se ao contato que tivera com um italiano chamado Tubo, tendo ido à casa deste apenas uma vez. Tubo pregava a franco-maçonaria. Mas, no dizer de John Watts, nada entendia do assunto. O mau caráter procurava atrair as pessoas para tirar-lhes dinheiro. Como os demais prisioneiros, Taylor foi acusado de conspiração e “por conhecer o nome do novo [futuro] presidente”.

Taylor descreveu, confirmando Masterman, o sofrimento dos prisioneiros durante a trágica marcha, acorrentados e espancados. Seguiam por difíceis caminhos, enquanto os soldados “estimulavam” os retardatários com a ponta da baioneta. A situação se complicava na transposição dos cursos d’água, muitas vezes chegando-lhes a água na cintura.

O martírio da Sra. Juliana Isfrán Martínez, esposa do Coronel Martínez, ex-comandante da guarnição de Humaitá, foi descrito por Taylor. Essa senhora deslocou-se a pé, desfigurada pelo sofrimento, marcada pelas feridas causadas pelo açoite, com as costas em carne viva. Por seis vezes foi colocada no “cepo uruguaio”, antes de ser executada. Seu crime foi ser esposa de um destacado oficial que se rendeu, levado pela fome de seus soldados, a quem não quis repudiar para salvar-se.

Em meados de dezembro, chegou ao acampamento o Coronel Hilário Marcó, trazendo uma lista de prisioneiros condenados à morte. Dentre estes estavam: a Sra. Juliana Martínez, a Sra. Dolores Recalde, a Sra. Luiza Egusquiza, Benigno López, José Berges, José Bogado, o Coronel Alén, Simon Fidanza e Leite Pereira. Taylor denunciou Simon Fidanza pelas acusações feitas a esses prisioneiros, seus companheiros de desgraça.

Taylor descreveu o martírio do Sr. Antônio Carreras, ministro uruguaio, ao qual se refere como um dos culpados pela “destrutiva guerra”. Esse ministro chegou a San Fernando em uma carreta, acompanhado de Benigno López e de Leite Pereira, cônsul português.

Os relatos de Taylor registram a execução de “vários sacerdotes e cerca de cinquenta oficiais”. Além desses, mais trinta estrangeiros e alguns paraguaios que haviam sido trazidos de Cerro León. Taylor só foi salvo da execução por ter tido a sorte de Solano López passar pelo local onde se encontrava e, ao reconhecê-lo, ordenar libertá-lo, juntamente com outros poucos prisioneiro. Ao se afastarem do acampamento, todos caíram prisioneiros dos brasileiros, sendo imediatamente libertados por ordem do Marquês de Caxias.

#### **DO DEPOIMENTO DO CORONEL FRANCISCO MARTÍNEZ**

Em 18 de janeiro de 1869, o Coronel Francisco Martínez, comandante de Humaitá no momento de sua rendição, foi levado para Buenos Aires, onde prestou depoimento ao juiz fiscal argentino. Por decisão desse juiz, seu depoimento foi feito por escrito, respondendo a 14 quesitos formulados.

Nesse depoimento, o Coronel Martínez informou que embora sua esposa, D. Juliana Isfrán Martínez (prima-irmã de Solano López) e a sua mãe residissem em Villa Rica, no momento da rendição ambas estavam em Assunção, onde foram presas por ordem de Solano López, tão logo soubera este da queda de Humaitá.

Por informações que obtivera por intermédio de paraguaio prisioneiro dos aliados, elas haviam sido levadas para San Fernando e depois para Villeta, em uma marcha a pé por mais de quarenta léguas, juntamente com outros presos, todos sob cerrada vigilância e com “ordens para serem executados à baioneta se não pudessem

mais acompanhar o exército em sua retirada precipitada”.

Durante essa marcha, sua esposa fora submetida a “todas as classes de torturas e por último fuzilada, pelo que todos dizem, por não haver se prestado a renegar o seu casamento. Igual sorte coube, segundo notícias da mesma origem, à sua sogra, mãe de sua desgraçada esposa”.

Segundo Martínez, a disciplina no Exército paraguaio era severa. Castigavam as faltas militares segundo as ordenanças espanholas, onde era rotina a tortura e o açoite aos suspeitos de conspiração. “A pena de morte era aplicada, na maior parte das vezes, nos casos prescritos pelas ordenanças espanholas ou por uma simples ordem de Solano López, sem forma alguma de processo.”

Recorda Martínez a execução do Tenente Ibañes, “valente oficial de cavalaria, por haver dito que o inimigo estava fortemente entrincheirado, o que o Marechal López resolveu traduzir como covardia”.

#### **DO DEPOIMENTO DO CAPITÃO MATIAS GOIBURU**

No acampamento argentino, em Trinidad, em 12 de fevereiro de 1869, foi tomado o depoimento do Capitão Matias Goiburú, um dos principais algozes do Exército paraguaio e ajudante do quartel-general de Solano López.

Goiburú desertou em 27 de dezembro de 1868, “voluntariamente, valendo-se da confusão do combate”.

Ao ser perguntado sobre o trato que recebiam os prisioneiros de guerra, respondeu que só podia falar a partir de novembro de 1867, por ignorar o que se passava

anteriormente, “o que não queria dizer que, de pública voz e fama, não soubesse que os prisioneiros eram já tratados com crueldade”. Disse ainda que “salvo algumas exceções, era cruel e sangrentamente bárbaro, e que é necessário haver presenciado o muito que aqueles infelizes sofriam para crer-lo”. Afirmou ainda que em 3 de novembro, no combate em Tuiuti, foram tomados de duzentos a trezentos prisioneiros, “dos quais foram estaqueados e açoitados a laço dobrado mais de 100 e fuzilados 45”.

O prisioneiro que não declarasse o que desejava saber o seu inquisidor, “era irremediavelmente estaqueado e açoitado até que se arrancasse a confissão desejada”. “Nessa época de que vinha falando, os chefes e oficiais prisioneiros gozavam de uma relativa liberdade e, em consequência da fuga de um capitão brasileiro de nome Correa, que fora recapturado no dia seguinte de seu desaparecimento, todos os chefes e oficiais foram colocados em rigorosa prisão, com barras de grilhões e a meia ração de tropa.” Em consequência desse tratamento, alguns desses oficiais vieram a perecer de miséria e fome.

Quando perguntado sobre os fuzilamentos, Goiburu cita inúmeras pessoas, individualizando as causas, a nacionalidade e o sexo. Além desses relatados por ele, muitos mais foram executados. Alegou que os “julgamentos” dos prisioneiros eram feitos sob rigorosa fiscalização de inspetores especiais, que lhes ordenavam o que fazer. Sabia disso por ter sido fiscal por várias vezes.

No final do seu depoimento, Goiburu afirmou que “salvas muito raras exceções,

López sacrificou o melhor e mais decente da população do Paraguai”.

Em 14 de março, já em Assunção, Goiburu prestou novo depoimento. Na oportunidade, afirmou que “é crença geral que López sacrificou, por ordem direta, da ordem de 1.800 a 2.000 pessoas”, e relaciona muitos nomes de pessoas importantes da sociedade paraguaia e militares. Falou também que “foram martirizados vários ajudantes, assistentes e escravos dos generais Barrios, Bugres (general do exército)” e de outros personagens.

#### **DO DEPOIMENTO DE D. BARTOLOMÉ QUINTANILLA**

D. Bartolomé Quintanilla esteve prisioneiro em San Fernando, tendo participado da trágica marcha. Em seu interrogatório, acusou ter assistido o Tenente-Coronel Gaspar Campos e o Capitão Falcón sendo colocados no “cepo uruguaio” para obrigá-los a declarar as condições da tropa aliada. Ambos vieram a morrer pelos maus tratos sofridos. Afirmou ter assistido ao fuzilamento dos tenentes Murillo e Ibero, ambos prisioneiros de guerra. Descreveu, ainda, a marcha entre San Fernando e Lomas Valentinas, onde os retardatários eram “estimulados” pelas baionetas.

Em relação a D. Juliana Insfrán Martínez, declarou que a mesma foi vítima do “cepo uruguaio” e açoitada, barbaramente, antes de ter sido executada por ordem do Capitão Matias Goiburu. No mesmo dia, foram fuziladas D. Dolores Recalde e D. Mercedes Egusquiza.

Em seu depoimento, relatou nominalmente os fuzilamentos e seqüestro dos bens

de inúmeros estrangeiros, dentre eles vários diplomatas. Enumerou, dentre outras 89 pessoas: Antônio Nin Reyes (cônsul uruguaio); Antônio Carreras (diplomata uruguaio); Major Júlio Carranza (argentino); Tenente Mauricio G. Soto, morto no “cepo” (argentino); Carneiro de Campos, presidente da Província de Mato Grosso (brasileiro); e Antônio Vasconcellos (vice-cônsul português).

Dentre os paraguaios enumerou: Saturnino de Bendoya (casado com Rafaela, irmã de Solano López); Sebastião Ibarra (ministro do Governo); Bernardo Ortellano (juiz de direito); Gumercindo Benítez (ministro de Relações Exteriores); Francisco Fernandes (ministro da Guerra); Vicente Barrios (general e cunhado de Solano López); Benigno López (irmão de Solano López); José Berges (ministro de Relações Exteriores); Francisco Palácios (bispo); e Joaquim Talaveras (presbítero), num total de mais de duzentas pessoas.

#### DOS RELATÓRIOS DO GENERAL RESQUIN

Resquin, um dos mais destacados chefes militares paraguaios, herói de Tuiuti, foi um dos principais inquisidores dos “tribunais” de Solano López.

Em seus relatórios diários relativos aos prisioneiros, registra, dia a dia, a morte das vítimas da barbárie.

No relatório relativo aos fuzilamentos entre 31 de maio e 13 de setembro de 1868, registra, nominalmente, 331 fuzilados, indicando a sua nacionalidade. No relatório de mortes durante as marchas para San Fernando e Cumbarity, entre 27 de agosto e 3 de dezembro do mesmo ano, 605 óbitos, por motivos vários.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Solano López sempre foi considerado uma pessoa autoritária e vingativa. Porém, com o decorrer do tempo, foi também se tornando desconfiado.

Nas duas vezes que participou de expedição militar em Corrientes, acabou mandando fuzilar seus oficiais.

À proporção que a guerra se prolongava, Solano López se tornava mais autoritário, mais violento e mais vingativo.

A partir de certo momento, foi ficando obcecado pela possibilidade de uma traição. E cada vez mais violento e vingativo.

Elisa Lynch parece ter tido muita influência sobre ele. Da mesma forma que conseguiu salvar algumas pessoas do seu relacionamento, fez com que várias outras fossem presas, torturadas ou mortas.

Era por meio do terror que Solano López impunha a sua liderança e a disciplina da tropa. Também por isso foi chamado de Átila do Prata.



#### BIBLIOGRAFIA

- BARROSO, G. *História Militar do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- BRAY, Arturo. *Solano López – Soldado de la Gloria y del Infortunio*. 38. ed. Assunção: Carlos Schanman Ed., 1984.
- CANARD, Benjamin e col. *Cartas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Ed. da Academia Nacional de la Historia, 1999.

- CARDOZO, Efraim J. *Hacen Cien Años*. Assunção: Ed. EMASA, 1971.
- . *El Paraguay Independiente*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- CASCUDO, L. da Câmara. *Conde D'Eu*. São Paulo: Bibliotheca Pedagógica Brasileira, série V, v. XI, 1933.
- CENTURION, J. C., Tenente-Coronel. *Memorias e Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Assunção: Ed. Guaranía, 1948.
- CHAVES, O. Emir. *Cinco Páginas da História Militar*. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1959.
- CUARTEROLO, M. A. *Soldados de la Memoria*. 1. ed. Buenos Aires: Ed. Planeta, 2000.
- CUNHA, M. A. *A Chama da Nacionalidade*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2000.
- DORATIOTO, Francisco M. *O Conflito com o Paraguai*. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- . *Maldita Guerra*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- . "O Duque Revisitado". *Nossa História*. Ano 1, n. 2, dezembro 2003.
- ESCUADERO, A. G. *Francisco Solano López – el Napoleón de Paraguay*. Madri: Biblioteca Ibero-Americana.
- GODOI, J. S. *El Fusilamiento del Obispo Palácios y los Tribunales de Sangre de San Fernando – Documentos Históricos*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- LORETO, A. *Os Antecedentes da Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1953.
- MAGNATERRA, O. J. *La Guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Ed. Dunken, 2002.
- MASTERMAN, J. F. *Siete Años de Aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Juan Pablum Ed., 1911.
- MOURA, Affonso H. S. de, Major. *Guerra da Tríplice Aliança e suas Contribuições para a Evolução do Exército Brasileiro*. Monografia da ECEME. Rio de Janeiro, 1996.
- MOURA, Aureliano P. de, General. *Tuiuti*. Palestra no IGHMB, 2002.
- ORDENS DO DIA da Guerra do Paraguai – de 1864 a 1870. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército.
- RESQUIN, F. *La Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza*. Assunção: Ed. El Lector, 1996.
- RUBIANI, J. *La Guerra de la Triple Alianza*. Assunção: ABC Color, 2001.
- RUAS SANTOS, F. *A Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.
- SALLES, R. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1990.
- . *Guerra do Paraguai – fotografias e imagens*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2003.
- SENA MADUREIRA, A. *Guerra do Paraguai*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- SILVEIRA, M. C. *Adesão Fatal – a Participação Portuguesa na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- THOMPSON, G. *Guerra del Paraguay*. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, 1968.
- VON VERSEN, M. *História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1976.